

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

**A ALIMENTAÇÃO E O SIMBÓLICO NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO E DE
SOCIEDADE.**

Ana Cândida de Oliveira Brito Procópio Ferraz

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

**A ALIMENTAÇÃO E O SIMBÓLICO NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO E DE
SOCIEDADE.**

Ana Cândida de Oliveira Brito Procópio Ferraz

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Professor Doutor Paulo José
Carvalho da Silva.

São Paulo

2012

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador Paulo por acreditar e apoiar com tanta alegria este trabalho. Obrigada por todo conhecimento compartilhado, não apenas sobre psicanálise, mas também sobre a boa mesa.

À Manuel Berlink, parecerista do trabalho, por aceitar com prontidão esta leitura.

À Marcia, Veta e Maria por todo amor, dedicação e generosidade ao longo de todos esses anos. Agradeço por me despertarem o prazer pelos alimentos, pelos afetos e pela vida.

À Fernando e Otávio pelo carinho e cuidado. Que nossos almoços de domingo regados a bons vinhos e ótimas prosas de pescador se estendam por longos anos.

À Samuel Shuna pela entrega e companheirismo antes e durante este trabalho. Você foi fundamental para eu chegar até aqui.

À Denise Moreira pela disponibilidade de realizar junto a mim um intenso e mágico trabalho em busca do autoconhecimento e da autonomia ao longo dos últimos anos.

Aos colegas e amigos do restaurante Vito pela oportunidade de estar diariamente em contato com a comida e os desejos. Obrigada por transformarem o meu trabalho em prazer.

À Aline Leite, Rafael Trindade e Adriana Omati pelas conversas calorosas sobre vida e psicologia sempre em torno de ricas experiências gastronômicas.

À Henrique Shoendorfer e Renata Pedrini pela atenção à este trabalho e pela colaboração com livros e ideias.

Ana Cândida De O. B. P. Ferraz: A Alimentação e o Simbólico na Constituição de Sujeito e de Sociedade, 2012

Orientador: Professor Doutor Paulo José Carvalho da Silva

Resumo

A alimentação é um assunto amplamente estudado por profissionais de diferentes áreas tais como história, ciências sociais, biologia, psicologia, gastronomia, entre outras. Diferentemente do mundo animal, sua importância para o homem ultrapassa o caráter de necessidade para sobrevivência do organismo, estendendo-se ao campo do simbólico.

A psicanálise, desde sua origem, marca a importância da alimentação para a constituição do sujeito e para a construção dos laços sociais. A partir dessa ótica, o presente trabalho visa estudar a relação entre alimentação e constituição do homem assim como a importância da mesma na formação dos laços sociais.

A pesquisa tem sua base a teoria psicanalítica de constituição do sujeito, entendendo que o simbólico é fundamental a partir do olhar psicanalítico para pensar o humano e suas relações com o mundo.

Para ampliar o diálogo sobre os temas supracitados será necessário um rápido panorama histórico sobre a alimentação, seguido de uma breve revisão de ideias de Lévi-Strauss. Este autor será crucial para pensar a alimentação no campo simbólico, aprofundando a diferença entre natureza e cultura.

A partir dessa construção, poderá ser explorado, enfim, a relação do homem com o alimento nas dimensões do individual e coletivo com foco na entrada na cultura e, portanto, no campo do simbólico.

Palavras-chave: Alimentação, psicanálise, cultura.

Sumário

1. Introdução.....	p.1
2. Capítulo I: Alimentação na História.....	p.9
2.1 Alimento- aquilo que nos modifica fisicamente.....	p.9
2.2 Alimento- aquilo que une os homens.....	p.10
2.3 Alimento- aquilo que separa os homens.....	p.13
2.4 Alimento- o fora que incorporamos ao corpo.....	p.14
2.5 Alimento- aquilo que representa.....	p.16
a. O Pão.....	p.17
b. A Carne.....	p.18
3. Capítulo II: Alimentação e antropologia.....	p.21
4. Capítulo III: Alimentação e Psicanálise.....	p.27
4.1 O simbólico e a dimensão social.....	p.27
4.2 O simbólico e a dimensão individual.....	p.31
5. Conclusões.....	p.36
6. Referências Bibliográficas.....	p.38

Introdução

O presente trabalho tem como proposta fundamental estudar a alimentação a partir de seu status simbólico. Entender o que torna o homem diferente do animal demanda pensar o homem a partir do campo do símbolo. Para isso, entender a princípio a história do homem com o alimento é crucial para futuros desenvolvimentos. O estudo não perderá de vista que a alimentação no humano é permeada por questões biológicas, já que o comer é necessário para a sobrevivência, questões afetivas, já que sempre diz respeito à relação com outros e também por questões sociais já que a alimentação caracteriza diversos rituais.

De início, a história da alimentação é crucial para entender o alimento dentro da lógica do simbólico. É este o caráter que vai distinguir, durante todo este trabalho, o animal do humano.

“Muito mais do que a história de um alimento específico, de uma forma de preparo, de uma receita ou de uma tradição específica, a História da Alimentação tem o desafio de focar o alimento em sua transcendência maior como símbolo.”
(Carneiro, 2005, p.76).

A produção e controle da natureza são ações que se reservam apenas à raça humana. Construir artificialmente a comida distingue os homens dos animais. (Montanari, 2008). O homem utiliza a natureza da forma como quer e precisa, selecionando, modificando, produzindo. Nesse sentido, a pecuária e a agronomia tem papel fundamental. As duas práticas implicam numa mudança de relação do homem com o território à medida que o vinculam a um espaço específico que passa a ser ampliado, modificado, trabalhado para a melhoria da produção de alimentos, etc. Com a invenção da pecuária e da agricultura o homem deixa de depender da natureza, exercendo domínio sobre ela.

A alimentação terá, com isso, papel fundamental na relação do homem com o território. Agricultura e pecuária, segundo Montanari (2008) permitem a invenção e o desenvolvimento das cidades em dois planos: material, já que permite o acúmulo de riquezas e tecnologia, e mental à medida que o homem

separa-se da natureza tornando-se, com isso, senhor de si. Da mesma forma o autor coloca a invenção do cozinhar como ponto chave da história para falar de cultura, dado que dos seres existentes na terra, apenas o humano cozinha seus alimentos e possui uma extensa variedade de técnicas para isso. O autor ainda afirma que a cozinha aponta para a principal distinção que faz do homem diferente de outros animais, o uso do fogo.

“Cozinhar é atividade humana por excelência, é o gesto que transforma o produto “da natureza” em algo profundamente diverso: as modificações químicas provocadas pelo cozimento e pela combinação de ingredientes permitem levar à boca um alimento, se não totalmente ‘artificial’, seguramente ‘fabricado’”
(Montanari, 2008, p.56).

A descoberta do fogo e a ingestão de alimentos cozidos proporcionaram mudanças drásticas no desenvolvimento físico, biológico e social do humano (Wrangham, 2010). O autor afirma que *“o cozimento aumentou o valor da comida. Ele mudou nossos corpos, nosso cérebro, nosso uso do tempo e nossas vidas sociais”* (p.7).

Aquilo que é cru ao natural é transformado pelo homem através da cultura (Lévi-Strauss, 2004). O homem, além de plantar e criar animais, tempera, assa, defuma, grelha e cozinha os alimentos antes de ingeri-lo. Se, em estado natural, esses alimentos seriam caçados ou colhidos para serem comidos ou sofreriam apodrecimento, através da cultura eles passam por técnicas de produção, conservação e preparo.

O alimento e as formas de preparo também acompanham e, muitas vezes, simbolizam mudanças acontecidas entre os diferentes momentos históricos no que diz respeito às relações humanas. Portanto, além de permear toda a relação dos homens com a natureza e o território, o alimento media a relação do homem com outros homens. A comida é, ao longo da história, aquilo que aproxima e afasta que diferencia e assemelha.

O comer e a comida estão presentes desde muito cedo e permeiam toda a vida do ser humano relacionando-se sempre com questões históricas,

afetivas e aprendizados de hábitos culturais, sendo fundamentais para a definição da identidade social (Mintz, 2001). A forma pela qual as pessoas se alimentam, assim como o que comem, é permeada por sua cultura. Na definição de Montanari (2008):

“O que chamamos de cultura coloca-se no ponto de intersecção entre tradição e inovação. É tradição porque constituída pelos saberes, pelas técnicas, pelos valores que nos são transmitidos. É inovação porque aqueles saberes, aquelas técnicas e aqueles valores modificam a posição do homem no contexto ambiental, tornando-o capaz de experimentar novas realidades.” (p 27).

Algumas mudanças radicais nos hábitos alimentares de determinada população costumam representar transformações históricas importantes (Montanari, 2008). Nesse sentido, muitas mudanças são possíveis no decorrer da história já que a alimentação é ponto de troca e miscigenação de povos.

O comer é permeado pelo contato com o outro desde o primeiro momento, da primeira alimentação. Nesse sentido, os hábitos alimentares, assim como gosto serão ensinados e não estão pré-determinados. Montanari (2008) afirma

“A comida não é ‘boa’ ou ‘ruim’ por si só: alguém nos ensinou a reconhecê-la como tal. O órgão do gosto não é a língua, mas o cérebro, um órgão culturalmente (e, por isso, historicamente) determinado, por meio do qual se aprendem e transmitem critérios de valoração” (p. 95).

Vale ressaltar que essa valoração não é apreendida no presente trabalho apenas no campo racional. O bom e o ruim, o certo e o errado, os horários em que se come, o que é considerado preferido, o local onde se come e com quem, entre outros fatores, serão ensinados por outros e escolhidos por cada homem ao longo de toda vida. Os rituais do comer são atravessados pela cultura, pela história e pelo afeto.

A psicanálise entende que o homem está sempre em relação com o outro e que esta só é possível por meio do simbólico. A alimentação parte da necessidade de sobrevivência também no humano, mas diferentemente do animal, está desde o primeiro momento, permeada por algo mais. Em primeiro lugar, o alimento coloca o indivíduo em relação com o corpo do outro e também com o próprio corpo (Fernandes, 2006). Ao mamar no peito da mãe, a criança experimenta uma completude a partir daquele primeiro objeto, sensação única que nunca mais pode ser repetida. A busca por esta satisfação vai permear toda a vida do sujeito e seus investimentos libidinais.

O autoerotismo estudado por Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*(1905/1996), principalmente no que diz respeito ao oral, será fundamental para pensarmos na relação simbólica que o homem vai estabelecendo com o mundo. O alimento para o humano nunca é um objeto puro, como nenhum outro será. Ele está inculido de representações construídas a partir da cultura, dos afetos, da pulsão, da libido, etc.

A partir da primeira alimentação, a pulsão já está em cena. Lacan, no Seminário 11 (1964/1998) nos aponta para o fato desta energia não possuir um objeto determinado. Ao contrário da satisfação da necessidade biológica, que se dá de forma objetiva- o animal tem fome e ao comer ela é saciada- a pulsão nunca encontra uma completa satisfação, apenas satisfações pulsionais parciais- tanto pela realização, como através da sublimação.

“Mesmo que vocês ingurgitem a boca- essa boca que se abre no registro da pulsão- não é pelo alimento que ela se satisfaz, é como se diz, pelo prazer da boca. É mesmo por isso que, na experiência analítica, a pulsão oral se encontra, em último termo, numa situação em que ela não faz outra coisa senão encomendar o menu” (Lacan, 1964/1998, p.159).

Nos relatos clínicos de diversos psicanalistas, a começar por Freud, aparecem distúrbios e transtornos alimentares. Fernandes (2006) destaca que os transtornos alimentares podem ser de diversos níveis e apresentar-se de inúmeras formas. A autora comenta em que trabalho os diferentes graus de distúrbios alimentares apontando:

“a imensa variedade de expressões que os problemas da alimentação apresentam durante a infância. Desde a conhecida ‘falta de apetite’ de algumas crianças, o que constitui uma queixa frequente dirigida aos pediatras, até manifestações mais graves, como o mericismo, a anorexia e a bulimia precoces.”
(p.35).

O presente trabalho não ignora a crescente presença dos transtornos alimentares nos dias atuais e a importância de estudá-los a partir de uma psicopatologia da alimentação cotidiana (Fernandes, 2006). Porém, não será feito neste estudo o recorte sobre os transtornos em si. O enfoque escolhido diz respeito à alimentação como símbolo que permite a constituição do indivíduo e a inserção do homem no contexto civilizatório. O diálogo com a antropologia permite pensar que não só a constituição do sujeito é importante a ser analisada pela via da alimentação, mas também a formação dos laços sociais a partir do alimento e dos rituais e práticas que o permeiam. A relação com o mundo por meio do simbólico aparecerá nas próximas páginas, principalmente no campo social e, em um segundo momento, na constituição do sujeito.

Freud, em *Totem e Tabu* (1913/2006), relaciona as duas dimensões, social e individual, ao comparar as duas proibições fundamentais presentes nas religiões totêmicas- não matar o animal representante do totem/pai e o tabu do incesto- com as duas principais características constituintes do Complexo de Édipo, a saber, matar o pai e casar-se com a mãe. Nesse sentido o animal totêmico simboliza o pai primevo morto pelos filhos no mito sobre a origem do totemismo.

A contradição entre a proibição da matança do animal totêmico e a comemoração de sua morte nos sacrifícios dedicados à divindade tem a ver, para o autor, com a ambiguidade existente nos sentimentos do filho em relação ao pai. Através de um mito, Freud pode fazer sua analogia com a psicanálise. Pelo ódio ao pai, visto como o mais poderoso e possuidor das mulheres, os filhos matam-no e devoram sua carne possibilitando, com isso, sua incorporação e conseqüente identificação. Porém, o amor que sentem pelo pai

faz com que fiquem culpados do assassinato. O luto e a comemoração estariam, nesse sentido, ligados entre si. As festas caracterizariam, assim, uma ruptura com o proibido, ruptura essa marcada pelos excessos.

“Em todos os lugares o sacrifício envolvia um festim e um festim não podia ser celebrado sem um sacrifício. O festim sacrificatório era uma ocasião em que os indivíduos passavam alegremente por cima dos seus próprios interesses e acentuavam a dependência mútua existente entre eles e o seu deus.” (Freud, 1913/2006, p.138).

A refeição totêmica traz também o caráter sempre presente em toda história humana de compartilhar comida e histórias. Nesta refeição era obrigatória a partilha dos produtos oferecidos à divindade. Originalmente, antes da descoberta do fogo, da criação da agricultura e pecuária, esses oferecimentos eram exclusivamente de animais passando, posteriormente, a incluir frutas e vegetais. A oferenda à divindade era compartilhada por todos do clã. O autor aponta para o caráter desse ato de compartilhar à medida que o comer junto representava um laço de parentesco

“Mas por que essa força de união é atribuída ao comer e beber juntos? Nas sociedades primitivas havia apenas uma espécie de laço que era absoluto e inviolável: o de parentesco. (...) Se um homem partilhava uma refeição com seu deus, estava expressando a convicção de que eram feitos de uma só substância; e nunca a partilharia com quem considerasse um estranho” (Freud, 1913/2006, p.139).

A ligação entre a alimentação e a criação dos laços sociais vai tornando-se clara a partir desse texto de Freud, de 1913, fundamental para a execução do presente estudo. A criação dos laços sociais, gerada a partir do assassinato do pai e proibição do incesto, é possível pela instalação de regras. Da mesma forma a passagem pelo complexo de Édipo instaura a mesma proibição permitindo a entrada da criança na cultura (Roudinesco e Plon, 1998).

Esta breve introdução permite perceber o amplo campo de debate que o presente trabalho se propõe. O olhar a partir da psicanálise permitirá enriquecer o diálogo com outras áreas. A alimentação apresenta-se como imprescindível para pensar o homem, seja no plano individual no qual se mostra fundamental a relação da mãe com o bebê na primeira infância para o início da constituição do sujeito, seja no plano social com a entrada na dimensão da lei e, portanto, construção de regras e proibições aos desejos permitindo a conseqüente formação de laços sociais. Na base do estudo, estão colocadas diferenciações tais como entre o homem e os animais, o desejo e a necessidade, o prazer e a satisfação.

Para tornar o assunto mais rico, faz-se necessário um primeiro capítulo sobre a história da alimentação como forma de situar o leitor no que diz respeito à importância da comida na história do homem. O surgimento da alimentação e dos métodos de produção criados pelo homem, assim como um ou outro contexto histórico e tipos de alimentos mais importantes devem receber destaque nesse capítulo.

Em seguida, no capítulo de número dois, pretende-se trabalhar a partir de algumas ideias da antropologia, com ênfase no pensamento de Claude Lévi-Strauss (1964/2004). Este antropólogo francês desenvolve, em sua obra, a caracterização da comida como símbolo que distingue os homens dos animais e, portanto, a natureza da cultura. Essas ideias vão ao encontro com a proposta deste estudo e permitirá futuras conversações com a psicanálise no que se refere à constituição do homem e dos laços sociais.

Com as bases históricas e antropológicas bem construídas será possível partir para a psicanálise. O autor guia para o trabalho será Sigmund Freud e seus conceitos em relação à constituição do sujeito e formação de laços sociais. Nesse sentido, conceitos como os de oralidade, identificação, incorporação, entre outros e o estudo profundo da obra *Totem e Tabu* (1913/2006) serão fundamentais para estabelecer a relação entre a alimentação e o humano.

Capítulo I: Alimentação na história

Na história humana, a comida tem importância fundamental. Seu caráter vai muito além da necessidade e da sobrevivência. Se mesmo no mundo animal pode-se notar certa organização para obtenção de comida, na raça humana a comida torna-se muito mais complexa, estando sempre carregada de inúmeros significados. Desde a forma como se relaciona com os ingredientes até a ação exclusivamente humana de cozinhar nos mostram que o homem se relaciona com o mundo ao redor e consigo mesmo a partir dos alimentos. Segundo Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari:

“As escolhas alimentares do homem e a sua diversidade são únicas entre os primatas. A variedade e a complexidade dos fundamentos econômicos dessas escolhas, assim como o caráter fortemente socializado, e mesmo ritualizado, do consumo de alimentos, também constituem elementos que concorrem para a especificidade do ato alimentar no homem” (1998, p. 36).

Diversos autores defendem que o homem é este tal qual o conhecemos hoje, física, estrutural, social e psicologicamente devido ao papel da comida em sua história. A gradual diferenciação dos animais e surgimento do *Homo sapiens* dependeu da comida em diferentes instâncias. Abordaremos algumas delas a seguir.

Alimento- aquilo que nos modifica fisicamente

A ciência estuda diversos ancestrais do homem para entender o percurso de desenvolvimento do corpo e cérebro tão diferente dos outros animais. É sabido que antes do *Homo sapiens* existir, seus ancestrais já fabricavam certos tipos de ferramentas primitivas e possivelmente caçavam alguns animais de porte pequeno a médio. Para estas duas atividades provavelmente era necessário a cooperação entre os membros de um grupo já que o cérebro e o corpo destas espécies não eram tão desenvolvidos.

Muitos autores defendem que a grande transformação do *Homo erectus*, ancestral direto do homem, em *Homo sapiens* aconteceu com base na alimentação. Richard Wrangham afirma que *“entre os primatas, somos os únicos carnívoros resolutos e os únicos que tiram carne de grandes carcaças”* (2010, p.11).

Nesse sentido, a carne possibilitou, além de novas atividades, o desenvolvimento do cérebro e do corpo do *Homo sapiens*. O mesmo autor destaca que

“É fácil, portanto, imaginar que o início do consumo de carne fomentou várias características humanas, como as viagens a longa distância, os corpos maiores, a inteligência aguçada e a crescente cooperação.” (Wrangham, 2010, p.12).

Wrangham (2010) afirma ainda que o consumo de carne foi fundamental, mas não é o único motivo para o desenvolvimento do homem. A descoberta do fogo e, com isso, a possibilidade de cozinhar os alimentos e obter maior quantidade de energia destes foi o salto final para este desenvolvimento.

Alimento- aquilo que une os homens

A descoberta do fogo, há cerca de 500 mil anos atrás, diferencia de uma vez por todas o homem dos outros animais também por sua carga simbólica. Embora o fogo não seja obrigatório para executar a cozinha é marcante que

“na representação simbólica que os homens historicamente fizeram de si, o domínio do fogo e o cozimento dos alimentos tenham sido percebidos como principal elemento de constituição da identidade humana e da evolução do estado ‘selvagem’ ao de ‘civilização’”. (Montanari, 2008, p.58).

Conforme defendem Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari (1996), cozinhar os alimentos amplia a relação com os diferentes ingredientes possibilitando o consumo diversificado de alimentos e novas formas de preparo. O fazer cozinha permite também nova significação do comer juntos,

do partilhar o preparo e o alimentar-se com outros homens, desenvolvendo assim a função do consumo social do alimento, fundamental nos tempos de hoje para pensar a alimentação.

O alimento traz consigo, inclusive no mundo animal, a possibilidade do comer junto. No homem isso se expressa de diferentes formas e ganha força ao longo de sua história. A busca por alimento, principalmente caça, parece ter permitido as primeiras formações de grupos a que hoje damos o nome de família. A caça de animais de grande porte, que se fez bastante necessária há milhões de anos atrás devido a mudanças climáticas, requereu o contato e comunicação entre diferentes grupos obrigando a criação de linguagens comuns entre diferentes conglomerados humanos.

O surgimento da agricultura e da pecuária, da mesma forma, modifica a relação com o território e permite a criação de grupos sedentários. A escolha pelo espaço foi realizada a partir da abundância ou não de fontes ricas em energia a partir das quais os grupos começaram a ocupar rápida ou demoradamente certos territórios, baseando-se no tempo que demoravam a esgotar os recursos. Em parte do território mais escassas surgiu mais cedo a prática da agricultura e pecuária, como forma de produzir aquilo que naturalmente faltava. Em regiões mais abundantes nos recursos naturais, estas práticas demoraram mais para se impor.

Comer e beber juntos são ações presentes desde o surgimento do homem como tal e, durante sua história, caracterizou sempre formas de aproximar e afastar, simbolizando as relações entre os homens. No mundo clássico, por exemplo, gregos e romanos possuíam um modelo de vida já baseados em cidades e a forma com a qual comem serve, entre outras coisas, para diferenciá-los dos bárbaros. Como veremos adiante ao aprofundar essa diferenciação entre os dois mundos, as escolhas pelas formas de relação com o alimento dependem principalmente da cultura.

Embora o comer junto estivesse presente antes, as regras que transformam o comer em ritual são possíveis apenas naquilo que conhecemos como civilização. O comer possui, neste caso, características mais complexas e talvez um de seus pontos mais importantes seja a

“comensalidade: o homem civilizado come não somente (e menos) por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas, também, (e, sobretudo) para transformar essa ocasião em um momento de sociabilidade, em um ato carregado de forte conteúdo social e de grande poder de comunicação (Flandrin e Montanari, 1998, p.108).

O comer junto marca ainda o âmbito religioso. Na idade Média, por exemplo, era muito comum oferecer refeições ao clero ou a monges em troca de orações. O banquete entre os homens e sua divindade reforçavam os laços e os compromissos. Marina Massimi (2006) discute sobre a Idade Moderna, porém seu comentário pode se estendido para a história humana:

“Comer junto significava então celebrar a unidade, seja entre os homens, seja em relação a Deus. Muito enraizada na cultura popular da idade Moderna é a associação entre comer juntos e o pertencer a uma mesma família.” (p.256).

Os sacrifícios religiosos, muito comuns durante toda história humana em maior ou menor grau, demonstram a força da comida para pensar a união entre homens e divindades. Oferecer o próprio alimento colhido ou caçado para um deus demonstra devoção. Além disso, comer, em uma refeição sacrificatória, o mesmo alimento que é oferecido para a divindade significa ingerir de uma mesma substância garantindo o laço de proteção (Freud, 1913/2006).

Um símbolo importante da união, seja sagrada ou não, é a mesa. Esta, aliás, está carregada de significados, inclusive de diferenciação. Os lugares ocupados, por exemplo, assim como o tipo e quantidade de comida oferecida apontando separações muitas vezes hierárquicas ou de gênero nas diferentes sociedades. Nesse sentido, o banquete, ao mesmo tempo em que unia os comensais, marcava as diferenciações sociais, sendo necessário para os poderosos se afirmarem. (Massimi, 2006).

Alimento- aquilo que separa os homens

Outra importante característica ligada aos alimentos que varia de acordo com o momento histórico é o gosto ou paladar. Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari (1998) apontam que

“A definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas. Assim como há gostos e predileções diversos em diferentes povos e regiões do mundo, assim os gostos e as predileções mudam no decorrer dos séculos”
(p.95).

Estas predileções têm a ver não apenas com o aquilo que o paladar considera bom ou ruim, mas também com o que a comida representa socialmente. Um bom exemplo é o pão. Por muitos anos da Idade Média este foi um alimento que serviu, assim como tantos outros, para diferenciar os ricos dos pobres. Montanari (2003) aponta que o pão dos nobres era branco, feito de trigo, sendo este um cereal mais caro devido ao seu difícil cultivo. Já os pobres confeccionavam seus pães com cereais baratos como o centeio e a aveia, o que os tornava escuros. Porém, em determinado momento, os ricos passam a se interessar e se alimentar do pão rústico que caracterizava antigamente a comida campesina.

Da mesma forma, o doce e o salgado serviram, nesta mesma época, para fazer a diferenciação entre as classes, sendo seu maior representante o açúcar. Este ingrediente foi introduzido na Europa na Idade Média e ficou inacessível aos mais pobres por diversos anos. Ainda nesta linha vão os ingredientes raros ou obtidos fora de época que simbolizam até os dias atuais riqueza, poder e influência.

Alimento- o fora que incorporamos ao corpo

Ao pensar a questão do alimento é importante ter em vista que o homem não apenas ingere aquilo que está fora. A comida tem desde sempre

significação, está desde os primórdios, vinculada não apenas à sobrevivência - como acontece no mundo animal. Vincula-se ao desejo, ao momento histórico, ao ambiente, aos sentimentos, à cultura, à moral, etc. Ao abordar esse tema a ideia de relação aparece como necessária ao estudo. O alimento, na história do homem, permite a relação do interior do corpo com o exterior. O homem come e esta ação se caracteriza pela incorporação de coisas que estão fora de seu corpo. Esta incorporação pressupõe uma relação do homem com o ambiente, com outros homens e consigo próprio.

Na Idade Moderna a comida estava associada aos valores pessoais e religiosos. Por este motivo era necessário escolher bem o alimento a ser ingerido já que este poderia ampliar uma característica boa ou introduzir uma ruim (Massimi, 2006). Mais uma vez a escolha dos alimentos mostra-se permeada também por divisões de classes sociais. A origem dos alimentos a partir de uma ótica religiosa estava, muitas vezes, ligada ao se recomenda ou não ingerir.

“Os gêneros alimentares mais próximos da terra era considerados inferiores e destinados à classes sociais mais pobres, ao passo que os mais elevados na direção do céu eram considerados superiores e destinados aos grupos sociais mais elevados.” (Massimi, 2006, p.265)

Outro ponto importante da ingestão dos alimentos é sua interferência no equilíbrio do corpo. Por este motivo, saúde e alimentos estiveram sempre vinculados de alguma forma. Carneiro (2005) afirma que:

“Em praticamente todas as culturas, os alimentos sempre foram relacionados com a saúde, não apenas porque a sua abundâncias ou escassez colocam em questão a sobrevivência humana, mas também porque o tipo de dieta e a explicação médica para sua utilização sempre influenciaram a atitude diante da comida, considerando a sua adequação a certas idades, gênero, constituições físicas ou enfermidades presentes.” (p.73).

Um interessante exemplo sobre esta relação de incorporação do mundo externo é encontrado na medicina pré-moderna. Montanari (2008) a explica da seguinte forma:

“Essa medicina se baseava num princípio fundamental, do qual derivava a maior parte das ideias e das práticas relativas à cura do corpo: todo ser vivo- homens, animais, plantas- possui uma ‘natureza’ particular em razão da combinação de quatro fatores, agrupados dois a dois: quente/frio, seco/úmido. Por sua vez, eles derivam da combinação dos quatro elementos (fogo, ar, terra, água) que constituem o universo. O homem pode se dizer em perfeita saúde quando em seu organismo os vários elementos se combinam de modo equilibrado, balanceado” (p. 84).

Nesta lógica, que perdurou até o século XVII, o controle alimentar, ou seja, o controle daquilo que é ingerido do mundo externo permite equilibrar ou desequilibrar o organismo. Os próprios ingredientes deveriam ser ‘temperados’ durante seu preparo com a finalidade de tornarem-se bons para a ingestão. Esta medicina liga-se, portanto, diretamente a prática da cozinha que permite manipular a natureza e torná-la, não apenas aquilo que o corpo precisa, mas também saborosa. Relaciona-se também com a prática do servir que permite organizar os alimentos da maneira que possam ser mais bem digeridos e degustados.

A ideia de que a saúde está ligada ao prazer está presente neste momento histórico uma vez que aos alimentos são designadas características do mundo sensível permitindo por meio da comida a ativação do paladar, dos sucos gástricos, do organismo como um todo. Nos séculos XVII e XVIII o prazer e a saúde começam a conflitar. A medicina, que continua a influenciar os hábitos alimentares, deixa de lado a análise sensorial e física e passa a levar em consideração a análise química do corpo. Com este novo quadro, o prazer e a saúde, antes aliados, se colocam em posições diferentes e muitas vezes opostas.

Alimento- aquilo que representa

Durante a história, os alimentos dizem respeito à identidade dos povos. As mudanças ocorridas nos tipos de alimento que se consome, assim como na forma como são preparados ou consumidos, apontam mudanças importantes na sociedade em questão. Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari (1998) afirmam:

“Para além dos fenômenos relevantes, existe a história de cada dia, feita de encontros e experiências que vão também construindo a identidade pessoal e coletiva, sendo que cada um desses encontros e experiências a confirma e remodela.”
(p. 869).

Nesse sentido, a identidade dos povos passa sempre por uma identidade alimentar (Carneiro, 2005). Restrições ou obrigatoriedades em relação aos alimentos que serão e que não serão comidos, como e quando serão ingeridos e também com quem diferenciam e identificam culturas, religiões, etnias, classes sociais, etc.

Destaco a seguir dois alimentos que foram selecionados dentre todos os outros por participaram de toda a história humana e por terem grande caráter simbólico nas diversas civilizações. São eles o pão e a carne. Tendo permeado diversas culturas e civilizações, estiveram algumas vezes representando simbologias opostas. Na Antiguidade, por exemplo, o pão, ao lado de bebidas fermentadas e vinho, era o símbolo maior de uma cultura civilizada, enquanto a carne (junto com o leite) indicava culturas bárbaras mais próximas do mundo animal. Já na Idade Média o quadro se inverte embora o pão não perca sua importante função alimentar. A carne torna-se alimento-símbolo de poder e riqueza, enquanto o pão, principalmente aquele feito com cereais menos valorizados, torna-se comida dos pobres.

A. O pão

O alimento que representa o maior símbolo de diferenciação entre a natureza e o homem civilizado é o pão. Isso porque ele não está disponível na natureza para simplesmente ser caçado ou colhido. Sendo o homem o único ser vivo que produz sua própria comida, é apenas ele que tem acesso a este

alimento. É necessário para seu consumo, não só da produção no sentido de misturar diversos ingredientes, mas também do cozimento.

Cru e cozido diferenciam os homens dos animais e seu maior símbolo é o pão. Nesse sentido, é o alimento que se aproxima também da marcante diferença de atividades entre os homens civilizados e os bárbaros, considerados muito próximos do mundo animal- as atividades de agronomia e pecuária contra a prática da caça de animais e a utilização daquilo que está pronto na natureza para ser consumido. Como apontam Flandrin e Montanari (1998):

“O pão- e é preciso acrescentar a ele também o vinho e o óleo- é o sinal que distingue uma sociedade que não repousa sobre recursos ‘naturais’, mas que é capaz de fabricar, ela própria, seus recursos, de criar- com a agricultura e a criação de animais- suas próprias plantas e seus próprios animais” (p.111).

Representa também, durante toda a história, o alimento de maior importância na subsistência dos povos, seja ele valorizado simbolicamente ou não. Nesse sentido, o pão foi muitas vezes fundamental na alimentação das classes inferiores fossem elas urbanas ou rurais.

Vale ressaltar que o pão é um dos símbolos da cultura grega, junto com o vinho e o óleo. A medicina pré-moderna, já abordada anteriormente, via no pão o alimento que equilibrava todas as características necessárias para o bem estar do corpo. Mas mesmo quando perde força simbólica para a carne na Idade Média como será comentado mais adiante, continua sendo o alimento básico de subsistência e vai representar em épocas de peste e devastação, a maior preocupação dos governos para com os cidadãos.

Não por acaso é assumido como um dos símbolos do cristianismo, junto com o vinho, quando este se torna religião oficial da Europa. Montanari (2003) aponta que estes alimentos reforçam o vínculo com a cultura romana, facilitando a difusão da religião no continente. Ao mesmo tempo reforçam o

rompimento com a cultura hebraica que descarta o pão e o vinho do posto sagrado devido à utilização da fermentação em ambos os preparos.

Essa mudança ocorre exatamente quando a carne começa a ganhar força na Europa. A cultura germânica, que já tinha a carne, principalmente a de porco, como alimento símbolo, se dissemina pelo continente. Este alimento passa a ser, como veremos símbolo do poder e da diferença de classes. O pão, antes principal alimento da cultura romana, poderia ter sido deixado de lado, não fosse este novo enquadre simbólico, que permite sua continuidade como alimento de destaque, embora com outro papel, além, claro, do nutritivo que se mantém.

B. A carne

A carne tem valor nutritivo e importância simbólica, durante toda história humana. Como comentado anteriormente, pode ter sido, junto com a descoberta do fogo, o alimento responsável pelo desenvolvimento do cérebro e do corpo do *Homo sapiens*. Desde os ancestrais do homem, já possuía grande influência para a transformação dos corpos, seja pelo desenvolvimento de uma nova postura corporal, seja pela construção de ferramentas para caça e corte dos animais. Tem, ainda, desde os primórdios, papel fundamental na consolidação de grupos sociais devido à necessidade de cooperação entre os grupos para obtenção de caça de grandes animais.

Na Antiguidade, a alimentação era baseada nos pães. Porém, como afirmam Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari (1998), a carne mantém sua importância:

“embora esteja em segundo plano na alimentação e na economia do mundo mediterrâneo antigo, a carne reveste-se de uma importância ideológica e simbólica capital. Trata-se, com efeito, de um alimento excepcional que necessita que se mate um animal. Reservada às grandes ocasiões, às festas que servem para estreitar laços sociais e para pôr em contato o

mundo humano e dos deuses, a carne está presente nos momentos fundamentais da vida social” (p. 122).

Em contrapartida, no chamado mundo ‘bárbaro’, dos celtas e germânicos, a carne já se apresenta como alimento símbolo da cultura. A opção desta sociedade era, em grande medida, oposta àquela valorizada por gregos e romanos. As diferenças fundamentais são apontadas por Montanari (2003). Ao invés da agricultura e da criação dos animais, as atividades mais desenvolvidas são a de caça e utilização da natureza virgem. A cozinha é feita a base de manteiga e toucinho, ao invés de óleo e o pão aparece pouco, não sendo consumido aquele feito de trigo. As bebidas, ainda fermentadas, são principalmente a cerveja ou a cidra e não o vinho.

A carne passa a tornar-se o alimento símbolo de toda Europa quando as duas culturas, romana e bárbara, mesclam-se devido às invasões. O mundo germânico espalha-se pela Europa possibilitando o contraste entre as duas culturas e a conseqüente reunião das mesmas. Entre os séculos V e VI é criado um

“novo modelo produtivo e cultural, que pela primeira vez conseguia aproximar e, em certa medida, amalgamar escolhas e opções até então tenazmente combatidas e opostas” (Montanari, 2003, p. 17).

Na Idade Média a carne ganha o primeiro plano na importância simbólica, principalmente aquela obtida por meio da caça. Entra em jogo nessa época a necessidade de diferenciação das classes sociais. Os alimentos passam, então, a representar este ou aquele tipo de vida, condição financeira e social, quantidade de poder, etc.

A caça passa a se relacionar diretamente com a atividade de guerrear, sendo as duas atividades que mais interessam os senhores da Idade Média, por meio das quais eles podem demonstrar seu poder.

“Na cultura das classes dominantes, principalmente, este valor primário da carne é fortemente considerado e afirmado. A carne surge, aos olhos desses grupos, como símbolo de poder

e instrumento para obter energia física, vigor, capacidade de combate, qualidades que constituem a primeira e verdadeira legitimação de poder” (Montanari, 2003, p 28).

A carne fresca era privilégio apenas dos mais ricos. Os pobres tinham acesso à carne conservada, de animais principalmente domésticos. Da mesma forma, o preparo também se torna importante para a distinção entre classes durante a Idade Média. A carne cozida permitia maior aproveitamento de todas as qualidades do alimento e era consumida pelos mais pobres. Já os nobres preferiam a carne preparada na grelha.

“Além dos gostos e das predileções de cada um, essa oposição é a expressão de valores culturais preciosos: segundo uma tradição bem determinada em antropologia, o uso do fogo se a medição da água e dos recipientes domésticos implica uma relação mais estreita com o cru e a natureza selvagem e, portanto, com a imagem profundamente ‘animal’ e a nobreza da alta Idade Média quer dar de si mesma” (Flandrin e Montanari, 1998, p. 293).

As formas de preparo da carne voltarão estudadas no presente trabalho ao abordar, no próximo capítulo, a antropologia cultural de Lévi-Strauss. Para o passo que será dado em seguida dentro do campo alimentar, vale ter em mente esse breve percurso histórico, principalmente no que diz respeito às diversas representações que os alimentos podem ter de acordo com a época, a região geográfica, o lugar ocupado na sociedade, o modo de preparo, etc. Para prosseguir e aprofundar o tema trabalho até aqui, parece importante sublinhar o fato de a alimentação estar sempre no âmbito de uma representação.

Capítulo II: Alimentação e antropologia

Como vimos, o homem e o animal se diferenciam através da alimentação. O animal come para saciar uma necessidade biológica e, com isso, sobreviver. O homem, para além da função biológica que o alimento tem, se relaciona com a comida por meio de símbolos. O animal come o alimento em estado natural, sendo o cru o maior representante de sua animalidade. O homem cozinha sua refeição e tem, portanto, o fogo como representante da cultura (Laraia, 2006).

Nesse sentido, quando nos referimos ao alimento humano falamos de cozinha. Independente da complexidade das técnicas culinárias em uma cultura, e a despeito da importância que determinada população dá para sua cozinha local, todas as sociedades humanas preparam seus alimentos. A cozinha aparece, portanto, como tema universal para estudar as relações entre animalidade e humanidade (Santos, 2008).

Essa universalidade caracteriza uma estrutura fundamental para pensar o homem na visão de um dos mais importantes autores da antropologia, Claude Lévi-Strauss. A partir de diversos mitos indígenas, o autor percebe a presença recorrente de temas relacionados à cozinha. Constata, ao longo das análises, que a culinária e seu maior representante, o fogo, são responsáveis por diversas articulações entre instâncias representantes da natureza e da cultura. Vale ressaltar que a culinária para o autor não diz respeito apenas ao âmbito cultural, mas é responsável pela mediação entre animal e humano (Lévi-Strauss, 1968/2006). A cozinha, em seu papel de mediadora, aproxima-se da linguagem na concepção estruturalista (Santos, 2008). Ambas fazem a relação entre natureza e cultura. Permitem a criação do homem e a existência da civilização.

Alguns dos mitos estudados pelo autor apresentam a existência de um fogo mal, o fogo celeste não domesticado, e um fogo bom, o fogo de cozinha domesticado pelos homens (Lévi-Strauss, 1964/2004). O homem, ainda em estágio pré-civilizatório, já 'cozinha' a carne ao sol. Porém, o fogo celeste é incontrolável em sua violência e se torna iminente a possibilidade de a terra ser queimada. Ao roubar o fogo, que nos relatos pertence a um animal poderoso-

geralmente jaguar ou gavião- e domesticá-lo, dá origem ao processo civilizatório. Com isso, o homem pode cozinhar sua carne sem estar sujeito à violência ou ao sumiço do fogo celeste.

“entre o sol e a humanidade, a mediação do fogo de cozinha se exerce, portanto, de dois modos. Por sua presença, o fogo de cozinha evita uma disjunção total, ele une o céu e a terra e preserva o homem do mundo podre que lhe caberia se o sol realmente desaparecesse. Mas essa presença é também interposta, o que equivale a dizer que afasta o risco de uma conjunção total, da qual resultaria um mundo queimado.” (Lévi-Strauss, 1964/2004, p. 336).

Nos mitos a natureza é imortal, condição essa muitas vezes representada pela capacidade que os animais tem de se renovar, trocar de pele. O homem, sendo diferente do animal, descobre a brevidade de sua existência tornando-se com isso, civilizado (Lévi-Strauss, 1964/2004). A cultura e a civilização tem, nos mitos, origens vinculadas, mas diferentes, sendo cada uma representada por distintas atividades. A descoberta do fogo, que nos relatos muitas vezes aparece como o roubo do fogo pertencente ao jaguar ou ao gavião, dá origem à cultura. A origem da agricultura e início das plantações aponta a origem das civilizações. Em ambas as possibilidades estão relacionadas nos mitos a descoberta da brevidade da vida já que o homem não tem a possibilidade de renovação como o animal.

“Começamos, assim, a compreender o lugar realmente essencial que cabe à culinária na filosofia indígena: ela não marca apenas a passagem da natureza à cultura; por ela e através dela, a condição humana se define com todos os seus atributos, inclusive aqueles que- como a mortalidade- podem parecer os mais indiscutivelmente naturais” (Lévi-Strauss, 1964/2004, p.197).

Hoje em dia, os alimentos em seu estado dito natural não podem ser considerados como tal. A agricultura é a uma invenção humana, e modificou cada um dos alimentos existentes, além de dar origem a muitos outros. Depois

da implantação global da agricultura, cada alimento que comemos depende da ação do homem para seu plantio, desenvolvimento e colheita (Standage, 2010).

A culinária possibilita que mundo animal e as sociedades humanas estejam em relação. Transforma o alimento cru, aquele ingerido pelos animais, em alimento cozido. Transforma inclusive cru em cru. A palavra transforma é utilizada porque, como vimos toda comida humana é preparada. O simples cru vira, por meio de temperos, simbolicamente comestível para o homem.

Lévi-Strauss (1968/2006) aprofundou suas investigações sobre a relação entre as técnicas culinárias e os três estágios possíveis ao alimento: cru, cozido e podre. Analisando mitos e práticas indígenas de diferentes tribos, o autor forma um triângulo no qual o assado representaria o alimento cru, defumado o cozido e o ensopado o podre. Ao mesmo tempo, o triângulo vem apontar que as técnicas e estágios da alimentação estão em relação e que, portanto, fazem a articulação entre natureza e cultura por meio da culinária. O ar e a água, elementos naturais, assim como o fogo, criação humana, também estariam diretamente envolvidos nesses processos. Também aparecem na análise os utensílios domésticos criados pelo homem, fossem eles de longa duração, como panelas, fossem descartáveis como o moquém. Em seguida, o autor acrescenta ao conjunto o uso do óleo em técnicas como o grelhado, o ensopado e o frito, tornando a relação mais complexa, como complexas são as refeições humanas.

“Não há dúvida que tais contrastes podem ser postos em correspondência com vários outros, de natureza não alimentar, mas sociológica, econômica, estética ou religiosa, como homens e mulheres, família e sociedade, aldeia e mato, economia e esbanjamento, nobre e plebeu, sagrado e profano... Assim, pode-se esperar descobrir, para cada caso particular, como a culinária de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura, a menos que, também sem sabê-lo, limite-se a revelar suas contradições” (Lévi-Strauss, 1968/2006, p.447).

Dentro do âmbito da cultura, a mediação entre homens pode ser também olhada pelo ângulo da comensalidade. Durante toda história humana, o alimento aponta para relações. A comida une os homens, os reúne, possibilita conversas, discussões, demonstrações de afetos, etc. As grandes ideias da Antiguidade, os exagerados banquetes da Idade Média, os jantares que reúnem representantes de nações e também as simples, mas não menos importantes, reuniões familiares em torno das mesas.

O sistema cultural relacionado ao alimento é constituído por diversos fatores. O principal dele diz respeito aos rituais. O que é escolhido para comer, a forma de preparo, quando e com quem se come. A classificação dos alimentos como comestíveis ou não, assim como o sabor, o saudável, o bom ou o ruim depende do sistema simbólico de cada sociedade.

“A escolha do que será considerado ‘comida’ e do como, quando e por que comer tal alimento, é relacionada com o arbitrário cultural e com uma classificação estabelecida culturalmente. A cultura não apenas indica o que é e o que não é comida, estabelecendo prescrições (o que deve ser ingerido e quando) e proibições (fortes interdições como os tabus), como estabelece distinções entre o que é considerado ‘bom’ e o que é considerado ‘ruim’, ‘forte’, ‘fraco’, ying e yang, conforme classificações e hierarquias culturalmente definidas.”
(Maciel, 2001, p.149).

Sendo permeado pela cultura, o ato de comer está sempre sujeito a proibições e restrições. Como vimos no capítulo anterior, em toda história humana existem diferenças no modo de comer de uma cultura para outra. Mesmo internamente, uma sociedade apresenta diferenças na alimentação determinadas por fatores como gênero, idade, classes sociais, religiões, entre outros. Estas diferenças não estão apenas no alimento escolhido, mas também na forma de preparo, no modo de servir, na data do calendário, etc. O que se come está sujeito também ao desenvolvimento do paladar que pode ocorrer em diferentes caminhos, de acordo com a história individual.

Poulain e Proença (2003) apresentam o conceito de ‘*espaço social alimentar*’ ao abordar as especificidades da alimentação humana. Este espaço localiza-se entre a biologia e a cultura e é um “espaço de liberdade” que vai determinar e ser determinante do comportamento humano em relação ao comer. Essa determinação dependerá, segundo os autores, de diferentes “dimensões sociais da alimentação”. São apontadas cinco dimensões: o “espaço do comestível”, o “sistema alimentar”, o “espaço culinário”, o “espaço dos hábitos do consumo alimentar” e a “temporalidade alimentar”. Dizem respeito, respectivamente às escolhas que são feitas dos alimentos a partir do que é oferecido pela natureza, a tecnologia utilizada em todos os estágios da produção do alimento, os fatores envolvidos na prática da cozinha, como técnicas e rituais, todos os fatores envolvidos na organização do ritual das refeições, as proibições e permissões sobre a alimentação nas diferentes fases da vida e/ou épocas do ano/ momentos históricos e as diferenças entre culturas e entre classes sociais dentro de uma mesma cultura, delimitadas pela alimentação. Todos esses fatos estão diretamente relacionados com a formação da identidade cultural de cada sociedade.

“As relações entre o biológico e o social não se reduzem a uma simples justaposição que permite designar, para um lado ou outro de um limite preciso, o território do primeiro ou do segundo. Elas são marcadas por uma série de interações” (Poulain e Proença, 2003, p.253).

Os autores ainda acrescentam que “a alimentação é a primeira aprendizagem social do pequeno homem” (Poulain e Proença, 2003, p.253). A criança estabelece com o mundo relações fisiológicas, como fome, frio, sede, etc. enquanto aprende com os pais o significado dessas sensações e a delimitação de certos comportamentos, recebendo com isso os primeiros traços de cultura. Vai desenvolver com o tempo o paladar a partir daquilo que for ensinado pelos responsáveis e pelas experiências que lhe forem permitidas ou oferecidas.

“Ao comer segundo uma forma socialmente definida, a criança aprende o senso do íntimo e do público (aquilo que ela pode

mostrar da sua mecânica alimentar e aquilo que ela deve esconder), bem como as regras de partilha e de privilégio que refletem a hierarquização social, enfim, o senso do "bom", mais exatamente do que é bom para o grupo ao qual ela pertence. Ao comer, ela interioriza os valores centrais de sua cultura, os quais se exprimem nas maneiras à mesa. Paralelamente, o corpo do comensal e os ritmos da "mecânica" biológica são formatados pelos ritmos sociais." (Poulain e Proença, 2003, p.254).

A inserção do homem na cultura será abordada no próximo capítulo a partir do olhar da psicanálise, ciência que muito tem para contribuir com o presente trabalho como veremos a seguir.

Capítulo III: Alimentação e psicanálise

1. O simbólico e a dimensão social

A alimentação, unida a outras duas importantes dimensões, a saber, a sexualidade e a linguagem, permitem a existência do homem e o inserem no mundo, sendo esse, como vimos, mediado pelo simbólico. São três aspectos que vão aos poucos construindo a diferenciação do eu com o mundo e, portanto, inserindo o homem em seu meio civilizado.

*“Fome, saber e sexualidade aparecem como três dimensões desencadeantes da possibilidade de hominização viável, inexistentes em qualquer projeto anterior a esse momento”.
(Carneiro, 2000, p. 44).*

Este capítulo que se inicia continuará mantendo o foco na dimensão do alimento. Porém, não se pode perder de vista a linguagem e a sexualidade à medida que certamente estão sempre presentes na visão que estabelecemos de homem ao longo deste trabalho.

Desde o mito bíblico do fruto proibido, pensa-se que a hominização se torna possível através da alimentação. *“O homem dietetizado com o fruto do saber do bem e do mal”* (Carneiro, 2000, p.48) é obrigado a deixar o paraíso e entrar no mundo, tornando-se com isso, humano. Exposto à imperfeição deste novo mundo e, conseqüentemente, a não completude que ele impõe, passa a conhecer o desprazer. Ao mesmo tempo, torna-se erotizado e, exatamente porque está sujeito ao desprazer, pode obter prazer. Nunca em sua totalidade, fato que fará a busca do prazer supremo ser eterna.

“o preço pago pelo homem, inerente à sua condição estruturada de hominização, implica ao mesmo tempo em uma busca pelo perdido, forçando-o a construir um saber sobre a felicidade e, por suplemento, uma clara insuportabilidade de convivência com a descaracterização de humano o Paraíso apresentava” (Carneiro, 2000, p.47).

Sobre a relação da origem da civilização com o alimento, mostra-se essencial apontar a ideia de horda originária de Darwin abordada por Freud em seu conhecido estudo *Totem e Tabu* (1913/2006). Horda diz respeito a um grupo que mesmo reunido, não possui regras ou qualquer forma de organização. Poderia ser considerada como um agrupamento primitivo que deu origem ao que conhecemos como sociedade. Esta horda era dominada por um único pai, possuidor de todas as fêmeas do grupo e que expulsava os seus filhos para que não tivessem espaço nessa liderança. Em certo momento, os filhos expulsos, desejando o lugar e as posses do pai primevo, se reúnem, voltam ao grupo e matam-no.

A união possibilita a volta à horda e a concretização do objetivo. Porém, para conseguirem viver juntos precisam limitar seu gozo e renunciar à posse das mulheres do clã. A ocupação do lugar do pai por qualquer um dos irmãos faria com que se instalasse uma guerra entre eles, extinguindo qualquer possibilidade de civilização (Freud, 1913/2006). Instala-se, assim, a proibição do incesto que impede os homens do clã de se casarem ou terem relação com mulheres do mesmo grupo. Os irmãos buscarão mulheres fora do clã dando origem à exogamia.

“O que se constata com a fundação da lei, instituída pelo mito da horda primitiva, é que o interdito de gozo que emerge é, em si, índice estruturante para o homem nas suas demais investidas desenvolvidas pela vida.” (Carneiro, 2000, p.57).

O acordo realizado entre os irmãos permite, portanto, a passagem do estado de natureza para o de cultura. Teixeira (2002) comenta que este laço inicial coloca os irmãos numa nova posição marcada pela *“relação com os primeiros objetos de amor que não se faz mais no registro do imediato”* (p.197). Nesse sentido, a entrada do homem na cultura é *“marcada pelo signo da castração e da falta, sendo o programa de ser feliz irrealizável”* (p.197).

Após matarem o pai, é despertado o sentimento de culpa nos filhos pelo ato cometido, num sentimento dúbio de satisfação pela morte do pai invejado e tristeza devido ao amor que lhe dedicavam. Com base nesse sentimento ambivalente, à medida que fazem a identificação do pai com o animal totêmico,

interditam a carne do animal representante dos laços de parentesco e buscam mulheres fora do clã fundando os dois tabus do totemismo (Freud, 1913/2006).

“Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação as mulheres que agora tinham sido libertas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (Freud, 1913/2006, p.147).

O autor comenta ainda a chamada refeição totêmica, que teria como base fundamental o sentimento de culpa pela morte do pai. Este é partilhado por todo o grupo que divide a carne ao mesmo tempo em que divide a responsabilidade pela morte. Nesse sentido, o ato compartilhado de comer a carne do animal totêmico dizia respeito a uma divisão literal do sangue entre os membros do clã. O consumo de carne do animal representante do totem era absolutamente proibido em qualquer outra situação que não a de sacrifício e celebração. O laço entre os irmãos do mesmo clã deveria ser constantemente renovado através de novos sacrifícios e oferecimentos para a divindade, fundando assim a ideia de sacrifício ligado ao sagrado. A citação que se segue é bastante longa, mas muito significativa:

“Esse é o pai [da horda] que funda um movimento dietético antropofágico. É um convite à degustação real da carne. (...) No movimento dietético da ação antropofágica o que se revela é a presença da lei, ou seja, algo da ordem estruturante da existência humana. O homem se estrutura pela boca, poderíamos dizer; tendo em vista que, ao mastigar os pedaços do pai, o sabor que resta da ruminação que obriga o filho a dar um sentido a ação desenvolvida demonstra sutilmente em que lugar ele está a partir dali, em relação ao pai. É uma refeição totêmica, que nada teria de questionarmos se foi real ou não, na qual a carne paterna foi usurpada e retirada da relação real com todas as mulheres, que o filho vai potencializar um sentido

para a própria carne. É aqui onde ele há de situar pouco a pouco em que lugar sua própria carne deve vibrar, arder e, finalmente, padecer de gozo que o corpo experimenta” (Carneiro, 2000, p.55).

O sistema totêmico, origem da civilização, seria, além de um laço entre os irmãos, também um pacto com o pai. Este ofereceria aquilo que o filho deseja como proteção, cuidado, atenção, ao mesmo tempo em que é considerado sagrado pelos filhos e seguidores, sendo, portanto, proibida sua morte. A partilha da carne do animal totêmico quando nos rituais garantiria também a regra contra o fratricídio (Freud, 1913/2006). Baseado no caráter antigo do comer junto, o ato de compartilhar a carne do animal sagrado ajudaria a lembrar a morte do pai e impediria que algo do tipo se repetisse entre o clã. Da mesma forma, o tabu do incesto caracterizaria uma renúncia às mulheres do clã. Essa renúncia seria necessária para que os irmãos não mais disputassem a posse de todas as mulheres, podendo, assim, viver em sociedade.

A identificação a partir da introjeção/incorporação, conceitos psicanalíticos que serão aprofundados mais a frente, também aparecem neste momento da refeição totêmica:

“pelo ato de devorá-lo, realizaram a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião” (Freud, 1913/2006, p.145).

Como visto, a história primitiva da sociedade está ligada também ao primitivo de cada homem à medida que os dois tabus do totemismo coincidem em grande parte com duas das características fundamentais do Complexo de Édipo. O pai precisa ser morto para que haja linguagem e, portanto para que cada um se insira no simbólico.

“A castração paterna – na verdade, a única que carrega o sentido pleno da castração enquanto surgimento, para o sujeito, da ordem simbólica – “salva” a criança de uma não assunção à condição de sujeito porque, ao pôr em jogo o falo como significante, instaura a mediação de possibilidades dialéticas, combinatórias e metonímicas, próprias ao registro simbólico, de lidar com os limites do eu, com a presença da alteridade e com o posicionamento no lugar da enunciação.”
(Sales, 2008, p.214).

Fernandes (2006) aponta a “*dimensão da finitude*” (p.202) como necessária para que o homem possa entrar no campo simbólico e, portanto, viver a cultura. Para a autora esta dimensão “*está em relação com a castração, com a possibilidade de aceitar a realidade das limitações do corpo*”(p.202). Anteriormente viu-se no âmbito social que Lévi-Strauss (1964/2004) comenta esta ideia de finitude para falar da passagem da natureza para a cultura. O que parece fazer-se necessário em seguida é aprofundar o tema da alimentação como via para a entrada no campo simbólico também no plano do indivíduo.

2. O simbólico e a dimensão individual

Foi visto até agora que, no plano social, o campo simbólico é necessário para a inserção na cultura. No que diz respeito ao tornar-se sujeito, num âmbito individual, o simbólico também é fundamental. Este apontamento exigirá certos aprofundamentos em determinadas ideias constituintes da psicanálise. Destaca-se, como veremos a seguir, a relação com o outro como fundamento da possibilidade simbólica do homem.

A alimentação do humano em seus primeiros dias depende da existência de outro. Em *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud aborda a ligação das pulsões com certas atividades corporais de zonas erógenas e destaca a função oral da criança como lactante. Ação que inicialmente se vincula à necessidade de alimento para a sobrevivência, a alimentação passa, desde a primeira mamada e, conseqüentemente, o contato

com o seio, a ser permeada pelo desejo e pelo prazer. A sexualidade tem, com isso, o corpo e suas funções como apoio para o seu surgimento se tornando autônoma apenas posteriormente (Laplanche e Pontalis, 2001).

Para que o indivíduo possa investir nos objetos futuramente é necessário, em um primeiro momento, a satisfação das necessidades ligadas à sobrevivência na primeira infância. Fernandes (2006) aponta a importância do investimento da mãe na constituição do sujeito destacando que é a partir destes afetos que se desenvolverá a capacidade fundamental do homem, a saber, a simbolização.

“pode-se afirmar que o outro é o polo investidor que vai transformar o corpo biológico em um corpo erógeno. Esse outro é a condição para que o corpo se torne um corpo próprio, habitado pela linguagem. Isso equivale a dizer que é o investimento libidinal no corpo da criança, realizado por esse outro maternal, que, ao tornar o corpo erógeno, permite ao sujeito o acesso à simbolização. Seria, portanto, a erogeneidade aquilo que aponta ao corpo sua qualidade de corpo próprio.”
(Fernandes, 2006, p.176).

A amamentação está diretamente ligada à identificação primária, fundamental para constituição do sujeito. Freud apresenta três formas de identificação, entre elas a identificação primária que se caracteriza pela identificação *“como forma originária do laço afetivo com o objeto”* (Laplanche e Pontalis, 2001, p.229). É esta identificação que permite, posteriormente, as identificações secundárias.

No mito sobre a refeição totêmica aparece, como apontado anteriormente, a ligação entre a identificação e a incorporação, termos que designam ações relacionadas ao estágio oral na infância. Pode-se agora aprofundar estes conceitos. Como afirmam Laplanche e Pontalis (2001), a identificação primária está intimamente ligada ao conceito de incorporação que se caracteriza por ser o

“processo pelo qual o sujeito, de um modo mais ou menos fantasístico, faz penetrar e conserva um objeto no interior do seu corpo. A incorporação constitui uma meta pulsional e um modo de relação de objeto característicos da fase oral; numa relação privilegiada com a atividade bucal e a ingestão de alimentos, pode igualmente ser vivida em relação a outras zonas erógenas e outras funções (...) Na verdade, estão bem presentes na incorporação três significações: obter prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto; assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si. É este último aspecto que faz da incorporação a matriz da introjeção e da identificação” (p.238)

Existe ainda um terceiro conceito intimamente ligado à identificação que é a introjeção. A introjeção se refere, então, a passar, por meio de fantasia, para dentro de si aquilo que está fora. Este termo está diretamente ligado à identificação já que é por meio do processo de introjeção que o indivíduo incorpora valores e desejos das figuras paternas, por exemplo. Diferentemente da incorporação, este termo não se relaciona apenas ao corpo físico, mas sim a amplitude do aparelho psíquico.

“O processo introjetivo é, assim, a base constitutiva da subjetividade, uma vez que determina a imersão do sujeito no universo simbólico das representações carregadas de sentido” (Carvalho, 2003, p.19)

A criança, na primeira infância, é *“um ser de gozo, cruel, inteligente, bárbaro, que se entrega a toda sorte de experiências sexuais, às quais renunciará ao se tornar um adulto”* (Roudinesco e Plon, 1998, p. 772). O gozo, tal como trabalhado na psicanálise, remete ao objeto perdido, à sensação primeira de satisfação plena que não mais será alcançada. A criança procura, por meio do autoerotismo, esta satisfação no próprio corpo em zonas como a boca e o ânus. Neste momento, a diferenciação entre o próprio corpo e o corpo do outro ainda não está bem delimitada.

“Para a pulsão oral, por exemplo, é evidente que não se trata de modo algum de alimento, nem de lembrança do alimento, nem de eco do alimento, nem de cuidado da mãe, mas de algo que se chama seio e que parece que vai sozinho porque está na mesma série.” (Lacan, 1964/1998, p.160.).

A entrada no complexo de Édipo e a consequente castração permitem que o sujeito entre no campo da linguagem e, portanto, da sociedade, deixando para trás a experiência do gozo primeiro. Da mesma forma que os irmãos no mito da origem do totemismo precisam abrir mão das mulheres do clã, assim também se dá na dimensão individual. A entrada na cultura permite a escolha de um objeto. O desejo pela completude não se extingue, porém a pulsão pode agora satisfazer-se a partir de objetos parciais.

Lacan (1964/1998) aponta que a pulsão não está, a princípio, dirigida a nenhum objeto determinado. O autor descreve a pulsão como a *“força constante”* (1964/1998, p.157) que, diferentemente da saciação de uma necessidade orgânica- como a fome no animal- não tem objeto definido.

“Lembrando o que Freud diz sobre a independência do objeto em relação à pulsão, e sobre o fato de que qualquer objeto pode ser levado a exercer para ela sua função de um outro, Lacan sublinhou que o objeto da pulsão não pode ser assimilado a nenhum objeto concreto” (Roudinesco e Plon, 1998, p.632).

O homem com fome deseja certos alimentos em detrimento de outros. Mesmo com muita fome, o humano escolhe qual tipo de comida irá comer, com quem, a que horas, atendendo principalmente a algo que está além da necessidade orgânica de ingestão de comida. O humano atende à pulsão, esta energia que, não tendo objeto pré-definido, vai movimentar-se para um ou outro objeto de desejo a partir da cultura. Lacan (1964/1998), sempre no Seminário 11, dá a isso o nome de *“montagem”* referindo-se ao quebra-cabeça que vai se formando a partir das diversas possibilidades do desejo fixar-se. A montagem é diferente não só devido às diferenças étnicas, ao país ou região

na qual determinado homem está inserido, mas também à quais afetos, cuidados e desejos ele foi submetido.

Isso significa dizer que o alimento representa para cada indivíduo outra coisa que não apenas aquele alimento, dependendo da história de vida, dos afetos vividos e, principalmente, da relação estabelecida com as figuras parentais. Lacan (1964/1998) ainda afirma que *“nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante”* (p.170.)

A pulsão não tem objeto definido, não caminha em linha reta na direção de um alvo específico, nos diz Lacan no mesmo seminário. Ela contorna os objetos, sempre em busca do objeto perdido *a*, este que representa a primeira e única satisfação pulsional completa realizada pelo primeiro contato com o seio da mãe. Nesse sentido, a boca é um contorno, uma borda na qual a energia pulsional pode circular e satisfazer-se parcialmente. O alimento, assim como o beijo e outras satisfações orais ligadas à sexualidade, permite a relação com este objeto parcial, podendo se dar de forma saudável ou patológica, a partir de como se estabeleceram os afetos e as regras para cada indivíduo.

Conclusões

Após a exposição de três olhares direcionados para a alimentação, o histórico, o antropológico e o psicanalítico, pode-se reafirmar a importância desta para a origem do homem e da existência dele como ser cultural dentro da sociedade. O homem, este constituído pelo simbólico, relaciona-se consigo mesmo e com os outros através de mediações. A alimentação é uma entre várias dimensões pela qual é efetuada esta mediação. A descoberta do fogo distingue homem e natureza e permite a entrada do primeiro no campo simbólico. Entre ele e o alimento existirá a escolha das técnicas de preparo. Da mesma forma, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária como controle do natural permite a acomodação humana e a convivência em grupos maiores fortalecendo laços de comunidade.

A relação do homem com o alimento passará sempre por diversas significações, sejam estas da ordem da sociedade ou do indivíduo. A identidade cultural e religiosa, as distinções de classes sociais, as preferências do paladar determinadas a partir de aprendizados culturais, os afetos despertados a partir da comida, sempre relacionados com momentos da história individual, as escolhas de comida a partir da saúde, do horário, do gênero, da idade, etc., tudo depende da relação que se estabelece com outros sujeitos. Nesse sentido, viu-se que as principais figuras que permitiram a entrada do indivíduo na cultura e os futuros desenvolvimentos de relações são as figuras parentais.

Comparando o mito originário que dá origem a sociedade com o complexo de Édipo vivido pelo sujeito, é a morte do Pai e a proibição do incesto que permite a internalização de regras necessárias para o convívio social e a entrada na cultura. Os desejos iniciais terão agora que ser representados em outros objetos e a satisfação nunca será plena. O homem abre mão do paraíso para cair no mundo incompleto, porém erotizado. Neste, o prazer existe. É possível voltar à horda, conviver com irmãos, criar laços de parentesco, buscar o casamento mesmo que em outro clã, ou seja, poder relacionar-se com o outro, inclusive com o gênero oposto, e obter prazer dessa relação.

Além da dimensão do alimento, outras instâncias que evidenciam o símbolo como forma com a qual o homem se coloca no mundo, e que são fundamentais para o olhar psicanalítico, são a linguagem e a sexualidade. Sem separarem-se, as três instâncias interferem no desenvolvimento individual e na sua convivência em sociedade. São elas que inauguram o humano e isto fica evidente, seja nos mitos expostos por Lévi-Strauss, seja naqueles comentados por Freud.

O alimentar-se, como todas as outras atividades humanas, estejam elas ligadas à sobrevivência ou não, é permeado pela pulsão. Esta energia que se movimenta eternamente em busca do objeto perdido *a vai*, a partir da castração e da inserção do sujeito na cultura, influenciando escolhas por um ou outro objeto. A primeira sensação de satisfação foi perdida para sempre, mas a alimentação permeada, como tudo no homem, pela sexualidade, torna-se objeto e, portanto, fonte de prazer.

Desde o primeiro momento, o homem está em contato com o corpo do outro- e nesse sentido a amamentação pode ser considerada como marca principal deste contato na primeira infância. Este caráter da alimentação, assim como da linguagem e da sexualidade de colocar o sujeito em relação foi evidenciado durante o percurso realizado. Como foi visto, o caráter social que permeia toda história da comida evidencia laços de parentesco e de amizade que tem papel fundamental na inauguração e manutenção dos laços sociais.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. *...e no começo era a fome: três movimentos da dietética na criação do homem*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, vol.3, n. 2, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun0/2.pdf>> Acesso em 20 de abril. 2012.

CARNEIRO, Henrique. S. *Comida e sociedade: significações sociais na história da alimentação*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42. Editora UFPR, 2005, p. 71-80.

CARVALHO, Marcia Coutinho de. *Incorporação, a introjeção impossível. Um estudo psicanalítico sobre o luto*. São Paulo, 2003 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Núcleo de Psicanálise, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FERNANDES, Maria Helena. *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (1996). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e Tabu. In: *Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques (1964). Desmontagem da Pulsão. In: *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, Jean-Bertrand (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 2001. p. 30-33.

------. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.p. 226-249.

LARAIA, Roque de Barros. *Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 21, n. 60, suppl 60, Fev. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100010&lang=pt> Acesso em 25 janeiro. 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude (1964). *O Cru e o Cozido (Mitológicas V.1)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LEVI-STRAUSS, Claude (1968). Pequeno tratado de etnologia culinária. In:_____. *A Origem dos Modos à Mesa (Mitológicas v.3)*. São Paulo: Cosac&Naify, 2006, p.425-448.

MACIEL, Maria Eunice. *Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?*. Horiz. Antropol., Porto Alegre, vol. 7, n. 16, Dec. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200008&lang=pt> Acesso em: 06 fevereiro. 2012.

MASSIMI, Marina. *Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v.13, n.2, p.253-270, abr.-jun. 2006.

MINTZ, Sidney. W. *Comida e antropologia. Uma breve revisão*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.16, n.47, out. 2001. Resumo disponível na internet <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 de maio. 2011.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo, Editora Senac, 2008.

MONTANARI, Massimo. *A Fome e a Abundância: História da Alimentação na Europa*. Bauru, Edusc, 2003.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. *O Espaço Social Alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares*. Revista de Nutrição, Campinas, vol.16, n.3, Jul-Set. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1415-52732003000300002&script=sci_arttext> Acesso em: 26 março. 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth ; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.166-169.

-----, *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.628-633.

-----, *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.770-773.

SALES, Lea Silveira. *Consistência Do Édipo Na Psicanálise Lacaniana: símbolos zero para o desejo*. Fractal: revista de psicologia, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, jan-jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100020&lng=en&nrm=iso> Acesso em 06 de maio. 2012.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. A questão alimentar na trajetória do pensamento antropológico clássico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Orgs.). *Escritas e Narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008. P.277-303.

STANDAGE, Tom. *Uma história comestível da humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 2010

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. *Função paterna, fátia e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana*. Psico-USF, v.7, n.2, p.195-200, jul-dez. 2002.

WRANGHAM, Richard. *Pegando Fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

